



“JORGE, O BRABO” – CENÁRIO DISCURSIVO DE UMA CRÔNICA DO INFORMATIVO UNICON

Fernando Raposo

Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA

Nicole Machado

Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA

184

Resumo: No presente artigo pretendemos analisar a crônica *Jorge, o Brabo, o homem que queria ver Deus, pertencente à edição nº 125*, de abril de 1987 do periódico intitulado *Informativo Unicon*, que circulou no período que compreende entre 1978-1988 com periodicidade quinzenal na região da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu - Foz do Iguaçu, Cascavel, Ciudad del Este²⁹, Hernandarias e em outras cidades do entorno. O objetivo do trabalho é, a partir da abordagem teórica e metodológica da Análise do Discurso analisar as *formações discursivas* (FD) e *formações ideológicas* (FI) presentes no discurso enunciado pelo sujeito da crônica. Observa-se, de início, que há uma tensão nas relações de forças e de sentidos, que perpassa o discurso analisado, uma vez que o *Informativo* surgiu e foi veiculado em meio aos impactos da construção da Usina de Itaipu, da ditadura militar, dos discursos ideológicos que vigoravam no período e de enfrentamento entre diferentes grupos sociais.

Palavras-chave: Crônica; Discurso; Informativo Unicon; Sujeitos.

Resumen: En el presente artículo pretendimos analizar la crônica “Jorge, o Brabo, o homem que queria ver Deus” pertenecente a la edición nº 125, de abril de 1987, del periódico titulado *Informativo Unicon*, que ha circulado em el período que compreende entre 1878-1988, com periodicidad quincenal em la región de la *Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu* – Foz do Iguaçu, Cascavel, Ciudad del Este, Hernandarias y em outras ciudades del entorno. El objetivo del trabajo es partir desde el enfoque teórico y metodológico de la análisis del discurso para analizar las formaciones discursivas (FD) y las formaciones ideológicas (FI) presentes en el discurso enunciado por el autor de la crônica. Se observa, en primer lugar, que ha una tensión en las relaciones de fuerzas y de sentidos, que atraviesa el discurso analizado, una vez que el periódico surgió y fue veiculado em medio de los impactos de la construcción de la represa de Itaipú, de la dictadura militar, de los discursos ideológicos que prevalecieron em el período y de la confrontación entre diferentes grupos sociales.

Palavras-chave: Crônica; Discurso; Informativo Unicon; Sujetos.

²⁹ Anteriormente, no período de 1957 à 1989 a cidade nomeou-se como Puerto Presidente Stroessner, em referência ao ditador paraguaio



Introdução

O informativo sob o qual foi veiculada a crônica “Jorge, o Brabo” surge em 1978, de acordo a pesquisadora Milena Costa Mascarenhas em sua dissertação de mestrado *POEIRA X UNICON: Confrontos e contrapontos entre expropriados e Itaipu (2011)* como

primeiro jornal das empreiteiras da Itaipu que apresentava o discurso oficial da Itaipu/Estado e das Construtoras, difundindo um discurso sobre o progresso e o desenvolvimento nacional e fomentava a construção de um consenso na região em favor da imperiosidade da “maior usina hidrelétrica do mundo”. (2011: 45)

O período de surgimento do informativo é concomitante aos impactos da construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu situada na fronteira entre Brasil e Paraguai e ao desvio do Rio Paraná, o qual passaria pelo canteiro de obras da Usina.

A partir desse processo de ocupação e transformação de um de um território produtivo, do entorno da bacia do rio Paraná, desencadeou-se um regime de desocupação de comunidades que aí se situavam, como famílias de agricultores, ribeirinhos e grupos indígenas. Não nos conteremos aqui em analisar esse processo de desocupação e expropriação dessas terras, mas acreditamos que é importante ressaltar o processo de violência e resistência que mobilizou nesse contexto um *aparelho repressivo do estado* e a conseqüente resistência de alguns grupos sociais, como expõe Milena:

Os expropriados criaram, principalmente através da atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), um movimento social de resistência e reivindicação, que incluiu a produção de materiais de formação e comunicação, dentre os quais se destacam o *Boletim Poeira* e cartilhas/livros populares – *O Mausoléu do Faraó* e *A Taipa da Injustiça*, - nos quais socializavam as ações, as discussões e denunciavam as injustiças realizadas pela Itaipu. (MASCARENHAS, 2011: 13)



Salientam outros autores, como Aluizio Palmar, que esses movimentos de resistência da região do Oeste do Paraná foram berço do maior movimento social da América Latina, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST):

186

O MST nasceu oficialmente na cidade de Cascavel/Paraná no ano de 1984, enquanto o MASTRO [*Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste*] surgiu em junho de 1981 para dar organicidade e consequência à luta dos atingidos pela construção de Itaipu. Rigorosamente o MASTRO é o próprio Movimento Justiça e Terra, que nos anos 80 e 81 sacudiu a região de Santa Helena, oeste do Paraná (PALMAR, 2012)³⁰.

Esses movimentos sociais tornam-se importantes para a perspectiva de análise que empreenderemos aqui por denotar uma determinada *condição de produção* de discursos, com o qual a crônica dialogará. Trata-se de um contexto em que sujeitos da resistência política, grupos contra-hegemônicos, de esquerda, estiveram diretamente associados a um imaginário em que intercruzavam-se *formações discursivas* cristãs e socialistas.

Para além das estruturas da usina em si, como a barragem, as turbinas etc, o canteiro de obras da Itaipu estendeu-se a uma parte mais ampla do território de Foz do Iguaçu, tendo também mobilizado a construção de bairros que fizeram parte da cotidianidade dos grupos sociais que foram agentes da obra.

Ademais da temporalidade da construção da obra, o jornal também compreende uma outra temporalidade, profundamente impactante e traumática para a história social e política dos estados brasileiro e paraguaio – a de suas respectivas ditaduras militares; a primeira, instaurada em em um 1º de abril de 1964 e com “extinção” em 1985; a segunda, por sua vez, durou um período mais extenso, tendo iniciado em 1954 e “terminado” em 1989.

A Itaipu, por sua vez, foi uma das principais construções desse período de ditaduras, dado à magnitude de seu projeto e seu impacto socioeconômico para ambos países envolvidos. Por outro lado e de maneira igualmente central foi a sua

³⁰ Matéria disponível no link: <http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/oeste-do-parana-berco-do-mst/>. Consultado em 30/01/2017.



participação como um dos braços repressivos dos agentes dessas mesmas ditaduras.

A instituição promoveu estratégias de vigilância institucional, perseguição e tortura à barrageiros, operários e agentes políticos que se opunham ao regime e que apresentavam comportamentos interpretados como “subversivos” ou “potencialmente subversivos” - conceito que estende-se não apenas a um espectro ideológico e político, mas também aos espectros dos costumes, da moral, do comportamento etc. Como aponta o historiador Valdir Sessi, em sua tese *“O povo do abismo”: trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1974 – 1987)*.

187

Com a deposição do Presidente João Belchior Goulart pelos militares, em 1964, iniciou-se um momento ímpar nas Forças Armadas, isto é, o de policialização e de parceria com os órgãos repressivos que se cristalizavam para conter os movimentos de esquerda, denominados “subversivos”. (SESSI, 2015:111)

Valdir também aponta que houveram diversos episódios de agressões, prisões e outras sindicâncias por parte dos agentes da repressão contra os trabalhadores que se manifestavam e eram enquadrados como “subversivos”. Tais episódios ocorreram tanto no interior do espaço do canteiro de obras e da barragem como em seu e exterior, nos bairros ligados à Usina.

Objetivos

Criar um cenário discursivo da região onde circulou a crônica tendo em vista suas condições de produção, ou seja, seu contexto sócio-histórico-ideológico situado;

Identificar as diferentes formações discursivas e, portanto, ideológicas, assumidas pela sujeito enunciação da crônica;

Articular essa condição de produção dada com ferramentas teóricas proporcionadas por campos do saber como a sociologia e a história;



Perceber como distintas vozes surgem, se articulam e se confrontam no discurso da crônica;

Perceber como por meio de aspectos da linguagem cria-se um efeito de sentido de silenciamento e ironização do personagem-sujeito Jorge.

188

Abordagem teórica e metodológica

A Análise do Discurso se consolida por volta da década de 60 e 70 na França. Seu caráter interdisciplinar se configura por um estado de entremeio entre a linguística e as ciências sociais (naquela época, o marxismo e a psicanálise) formando sua tríade fundadora. Ao repensar a linguística, a AD buscava questionar a negação da historicidade inscrita na linguagem, bem como nas ciências sociais a noção de transparência da linguagem. Michel Pecheux um dos primeiros autores a elaborar as primeiras considerações sobre as condições de produção do discurso e sobre a sua importância teórica para a realização das análises propriamente ditas, apropriando-se de conceitos oriundos de outras áreas do conhecimento, dialogando com estruturalismo triunfante da época e com o pensamento de Louis Althusser e também com as contribuições de Michel Foucault, a partir de sua *Arqueologia do Saber*. Desse modo, guardadas as devidas proporções, se supera algumas questões vinculadas à visão estruturalista da linguagem e do sujeito no entanto que os conceitos de condições de produção, inter e intradiscurso ganham uma certa flexibilidade a partir de teóricos posteriores. A partir da desconstrução da *maquinaria discursiva* de Pêcheux logo após a publicação de *Verités...* se estabelece, agora, o primado do outro sobre o mesmo, ou seja, o primado da heterogeneidade. Se antes a AD se colocava exclusivamente sob o conceito de interdiscurso, agora ela por meio do estudo da sequencialidade para enfim fazer trabalhar a relação entre interdiscurso e intradiscurso.

Dentre os principais conceitos utilizados pela AD, três deles possuem uma relação de complementar. A saber: *condições de produção* (CP), *formação*



discursiva (FD) e *formação ideológica* (FI). Segundo Orlandi, as *condições de produção* (CP) seriam as condições que compreendem os sujeitos e o contexto situacional, como vemos abaixo:

189

São responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. As condições de produção fazem parte da exterioridade lingüística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido estrito (circunstâncias de enunciação) e em sentido amplo (contexto sócio-histórico-ideológico), segundo preconiza Orlandi (1999). (FERREIRA, 2001: 2)

A partir de determinadas *condições de produção* (CP) específicas, articulam-se os outros dois conceitos, o de *formação ideológica* (FI) e o de *formação discursiva* (FD). O primeiro, trata-se de um

Conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais, que se relacionam às posições de classes em conflito umas com as outras. A FI é um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social. Pêcheux (1975) afirma que as palavras, expressões, proposições, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, sentidos esses que são determinados, então, em referência às formações ideológicas nas quais se inscrevem estas posições. (FERREIRA, 2001: 3)

O segundo conceito se define em relação ao primeiro; ou seja, a partir de uma posição sócio-histórica dada, determina aquilo que pode e deve ser dito. “Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança (FERREIRA, 2001: 3).” De igual modo, nos interessa a descrição e interpretação de algumas questões relacionadas as diferentes posições em que o sujeito da enunciação se manifesta como também propor alguns apontamentos sobre quais formações ideológicas e discursivas ele se inscreve.

Pode-se dizer que cultura e poder, além de serem indissociáveis, são construções sociais que implicam relações sociais determinadas, que incluem: hierarquia, alianças, conflitos e a prática de poder. Ao ser interpelado pela ideologia



- aqui tomada na perspectiva da AD como produtora de evidências - o sujeito numa dada condição de produção (CP) exerce uma posição de poder sobre a qual ele se sente autorizado a praticar.

Dentre essas e outras bases conceituais que consolidaram os estudos da AD, já em outro momento, a partir de segunda metade da década de 70, frente às crises políticas e epistemológicas que despontavam, há uma reconfiguração do campo teórico devido a ilusão cientificista estruturalista que presumia uma totalidade e uma unidade sob a qual a linguagem estaria ligada, o ser social seria determinado e formado discursivamente pelo meio. Ou seja, o sujeito não marcava tanto uma presença em seu próprio enunciado, sendo este uma (re)produção de seu lugar institucional de fala.

A partir das contribuições de Jean Jacques Courtine, passa-se da homogeneidade à heterogeneidade das formações discursivas, ou seja, todo discurso é atravessado pelo discurso de um outro ou por outros discursos, estes diferentes discursos mantêm entre si relações de *contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação*. Em *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)* Jacqueline Authier-Revouz (1990) distingue duas ordens de heterogeneidade, a *constitutiva do sujeito e de seu discurso* e a *heterogeneidade mostrada*. A primeira, onde a presença do outro não é óbvia e não deixa marcas visíveis que se possam captar linguisticamente, ela se encontra no interdiscurso. A segunda, diz respeito à presença do “outro” em determinado discurso, o locutor se torna um “porta-voz”, que relata e reproduz em seu próprio discurso o discurso do outro, sem a intenção de mascarar a autoria discursiva. Para tal formulação, Authier-Revouz se atém ao debate acerca do descentramento do sujeito (influência de Freud e a leitura feita por Lacan) e os trabalhos que tomam o discurso como produto do interdiscurso.

Teremos como um primeiro condutor para a definição de *sujeito* as seguintes perguntas, propostas por Foucault em *O nascimento da clínica* (FOUCAULT, 1963/2008 apud MUSSALIM, 2012: 133):



- a) “quem fala?”: quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem esta espécie de linguagem? / qual é o *status* dos indivíduos que têm o direito de proferir semelhante discurso?;
- b) “de que lugares institucionais se fala?”: de onde o médico obtém seu discurso, e de onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação (o hospital, a prática privada, o laboratório?;
- c) “de que posições variadas se fala?”: o sujeito questiona a partir de que grade de interrogações, ouve a partir de que programa de informação? / ocupa que lugar na rede de informações (no ensino teórico ou na pedagogia escolar; no sistema da comunicação oral ou da documentação escrita)? Etc. (MUSSALIM, 2012: 133-134)

Por exemplo, sabemos que “quem fala” é José Melquíades Ursi, na posição extralinguística de *autor*, uma das instâncias atravessam o sujeito no processo da *enunciação*. É ele que estamos aproximando da função de *intelectual orgânico* de um determinado *aparelho ideológico do estado* (a imprensa) enquanto indivíduo; todavia, esta trata-se apenas de uma das posições do sujeito no processo *enunciação* desses *sujeitos* e discursos *heterogêneos*. Sabemos, também, de seu lugar institucional de fala e de algumas das posições por meio das quais ele fala – o de *empregado especializado, organizador de uma cultura* e de um determinado *território* (as cidades em que está estabelecida a Itaipu e os bairros construídos por ela).

Os conceitos utilizados acima, intelectual orgânico, organizador da cultura, foram desenvolvidas pelo filósofo marxista Antonio Gramsci em seu livro *Os intelectuais e a organização da cultura* (1968), onde também desenvolve o conceito de jornalismo integral, que também poderá contribuir para analisarmos o suporte midiático em que foi veiculado o texto e os discursos que analisamos aqui. Tal conceito pressupõe

um agrupamento cultural (em sentido lato) mais ou menos homogêneo, de um certo tipo, de um certo nível e, particularmente, com uma certa orientação geral; devemos pressupor ainda que se pretenda fundar-se em tal agrupamento para construir um edifício cultural completo, autárquico, começando precisamente pela... língua, isto é, pelo meio de expressão e de contato recíproco. (1968: 162)



Trata-se, pois, de um suporte cultural e intelectual pelo qual um determinado grupo social se produz e reproduz; reproduz e atualiza sua ideologia (nesse caso, a ideologia dominante). Grupo que, mais especificamente, trata-se, ainda nos termos utilizados por Gramsci nesse mesmo livro, de um grupo de *intelectuais orgânicos*, de empregados especializados subordinados à Itaipu. Ainda mais especificamente, nesse caso, trata-se de um indivíduo, José Melquíades Ursi, que desempenhava as funções de editor e também de cronista do *Informativo Unicon*.

Althusser em sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1980) busca uma descrição do modo de funcionamento e reprodução da *ideologia*. Para estudar a *ideologia* de maneira material, a partir do método do *materialismo histórico*, Althusser concebe que “a linguagem se apresenta como o lugar privilegiado em que a ideologia se materializa. [...] como uma via por meio da qual se pode depreender o funcionamento da ideologia (MUSSALIM, 2012: 116).” Assim, propõe o conceito de *aparelhos ideológicos* a partir da teoria do estado de Marx: “Althusser parte do pressuposto de que as ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção (MUSSALIM, 2012: 115).”

Nesse mesmo sentido, embora em outro contexto epistemológico e histórico, Gramsci propõe que o fenômeno que intitula de *jornalismo integral* busca reproduzir as necessidades de seu público ao mesmo tempo em que as constrói, as desenvolve e as atualiza (GRAMSCI, 1968: 161). Gramsci, como o próprio Althusser reconhece (ALTHUSSER, 1980: 42), foi o teórico marxista que mais aproximou-se da descrição das funções dos AIE (*Aparelhos Ideológicos do Estado*), embora não tenha concluído em sua obra uma sistematização dessa descrição.

Acreditamos que para melhor compreensão do conceito de AIE, faz-se necessário uma aproximação do conceito de *Aparelhos do Estado* (AE) na *Teoria Marxista do Estado* tal como Althusser os descreve:

o Aparelho de Estado (AE) compreende: o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc., que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora o Aparelho Repressivo do Estado.



Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão “funciona pela violência”, - pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas). (ALTHUSSER, 1980: 43)

Os AIE, por sua vez, são considerados por Althusser como as seguintes instituições: o AIE religioso; o escolar; familiar; jurídico; político; sindical; da informação (imprensa, rádio-televisão); cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc).

Gramsci, por sua vez, ao pensar os processos de formação dos intelectuais, compreende que estes não se tratam de grupos sociais autônomos e independentes, mas sim de funções especializadas dentro de diferentes grupos sociais. É uma argumentação em que a função de intelectual não remete apenas aos grupos tradicionalmente considerados intelectuais na modernidade – os acadêmicos, os jornalistas, os juristas etc -, mas à diversos grupos e categorizações, como o de intelectuais orgânicos, intelectuais rurais, intelectuais urbanos etc. Trata-se, portanto, de uma distinção da função do intelectual que não é substancial (ou seja, intelectuais vs. operários; intelectuais vs. não-intelectuais), mas sim que é demarcada por um determinado contexto histórico e por determinados sujeitos inseridos em determinadas formações infraestruturais e superestruturais.

Para Gramsci, não se pode separar o homo faber do homo sapiens. Assim, todos os homens na sociedade são intelectuais, pois conservam sua capacidade de pensar. Todavia, para o autor, não menos indispensável é perceber que nem todos os homens exercem a função de intelectuais na sociedade. Nesse sentido, Gramsci propõe uma macro distinção dos intelectuais em dois grupos, os orgânicos e os tradicionais.

Utilizaremos a conceitualização desse primeiro grupo de intelectuais orgânicos nesse presente artigo e por isso privilegiaremos a descrição de sua definição por parte do autor:

1) Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia



política, o organizador de uma nova cultura [...]. Pode-se observar que os intelectuais “orgânicos”, que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, no mais das vezes, “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz. (GRAMSCI, 1968: 3-4).

194

Nesse sentido, compreendemos que o periódico Informativo Unicon, trata-se de um dos braços oficiais do que podemos caracterizar como um AIE³¹ - a saber, a Itaipu. Por isso, evidencia-se como uma fonte privilegiada para entender os processos de repressão ideológica nesse contexto histórico e nesse território em questão. Também é fundamental ressaltar a intrínseca relação de territorialidade que o periódico, como suporte textual, denota com a cidade e os bairros em que centralmente circulava.

Essa territorialidade constitui-se específica e particular em várias instâncias e sentidos – ou, seja, constitui uma condição de produção. Afirmamos isso por dois motivos: primeiro, por se tratar de um periódico de circulação regional, que fala de e para este território (mas não exclusivamente). Segundo, por seus interesses e objetivos estarem essencialmente ligados à Usina e seu entorno e pela necessidade de um suporte midiático que gerasse: 1) publicidade da construção, da instituição e do Estado; 2) um retorno informativo aos grupos sociais envolvidos e interessados no projeto da Itaipu; 3) uma construção simbólica daquele território que, em paralelo, era concreta e materialmente construído.

Corpus de análise

– Crônica “Jorge, o Brabo, o homem que queria ver Deus” publicada pelo

³¹ Embora em princípio pareça haver uma contradição na utilização desse termo, visto que a ideia de Estado remete à uma instituição gerida pelo patrimônio público, enquanto o Consórcio Unicon tratava-se de um agrupamento de empresas privadas, salientamos que não é esse o sentido que o autor do conceito, Althusser, emprega no termo, como podemos ver a partir de suas palavras: “A distinção entre o público e o privado é uma distinção interior ao direito burguês, e válida nos domínios (subordinados) em que o direito burguês exerce os seus «poderes». O domínio do Estado escapa-lhe porque está «para além do Direito»: o Estado, que é o Estado da classe dominante, não é nem público nem privado, é pelo contrário, a condição de toda a distinção entre público e privado. (ALTHUSSER, 1980: 45-46)



periódico *Informativo Unicon* em abril de 1987/Ano X/Nº125.³²

A crônica é um gênero discursivo/textual caracterizado por uma narração curta, a qual traz consigo algum acontecimento do cotidiano ou um fato vivenciado pelo(a) autor(a). Geralmente publicada na imprensa, em informativos, jornais e revistas, a crônica cria, pela periodicidade das publicações, uma “familiaridade” entre o(a) escritor(a) e aqueles que o leem e uma certa impressão de que o(a) escritor(a) está “dialogando” com o leitor. Através de uma linguagem simples e espontânea, o cronista transmite ao leitor a sua visão de mundo, ele expõe sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam. Essa tal “familiaridade” está relacionada com a finalidade utilitária e pré-determinada da crônica: agradar os leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando assim uma rotina, uma proximidade entre autor e seus leitores. Pelo fato de ser veiculado pela imprensa e estar ligada à trama do cotidiano a crônica possui vida curta tendo em vista as futuras edições.

A crônica também se caracteriza como um gênero situado num entremeio entre a literatura e o jornalismo. Apesar de seu conteúdo, trata-se de um gênero textual/discurso literário, portanto associado ao estatuto da ficcionalidade, situado em um suporte midiático – o jornal, a mídia impressa – por sua vez, associado a um estatuto de veracidade. Assim, possui um sentido e uma função específica no interior desse meio, como vemos no artigo de Janete Ferron, O papel do cronista e o lugar da crônica no jornal (2009):

Para alguns, a crônica não se encaixa como notícia – mas ela faz dos fatos seu enredo e das pessoas comuns suas personagens. Para outros, sua linguagem e seu estilo próprios não permitem que ela seja simplesmente jornalismo, seria mais que isso, seria literatura. (FERRON, 2009: 1)

Ainda nesse sentido, a autora salienta que há um extenso debate acerca da crônica como gênero discursivo, com uma diversidade de opiniões que ora apontam para um predomínio de seu caráter e funções literários, ora opiniões que apontam

³² A crônica pode ser lida em sua forma integral nos **Anexos 1 e 2**.



para sua função informativa, jornalística, verídica. Ao mesmo tempo, há um consenso que se situa em um intermédio, classificando-a como um gênero de natureza híbrida ou, mesmo, a partir de noções bakhtinianas, como um gênero heterogêneo e flexível (JANETE, 2009: 4). Essa hibridez, por sua vez, compreende uma tipologia complexa, “porque apresenta especificidades de um gênero que recria um discurso sobre um fato ou acontecimento sob determinada perspectiva e condições de produção. (JANETE, 2009: 7)

Ou, ainda, se poderia dizer que a crônica trata-se de um gênero constituído de dialogismos, mais uma vez de acordo com Bakhtin; ou, ainda, um gênero constituído por interdiscursividades, de acordo com noções pècheutianas da AD-3. Como observa Janete:

De acordo com noções apresentadas e o conceito bakhtiniano sobre os gêneros discursivos, pensamos que a crônica contemporânea pode ser compreendida como uma zona de miscigenação do discurso jornalístico com várias outras formas discursivas, provocando um grande diálogo de pensamentos nos veículos de comunicação. [...] a crônica usa e abusa da variedade de gêneros, dos simples aos mais complexos, na sua composição: diálogo do cotidiano, retratos, tipos, cenas cômicas e dramáticas, versos, sonetos, relatos, narrativas, comentários, contos, confissões, descrições líricas, sátiras, paródias, dentre outros, constituindo-se em discurso híbrido. (JANETE, 2009: 4)

A ideia de tratar-se de um gênero interdiscursivo reitera a tese do primado do interdiscurso sobre o discurso, como explica Mussalim “(...) toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência em relação ao 'todo complexo com dominante' das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (2012: 140).

Por outro lado, de uma outra perspectiva teórica, o crítico literário Antonio Candido, aponta que uma das funções exercidas pelo gênero crônica em meio ao suporte periódico é de ajudar a reestabelecer a dimensão das coisas: “em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza [...] (CANDIDO, 1992: 14 apud JANETE, 2009: 3)”.



Para uma melhor compreensão das condições de produção do corpus analisado, faremos uma breve descrição de alguns dos outros gêneros discursivos presentes no periódico que não o gênero discursivo crônica, que analisaremos mais detidamente. Por exemplo, no Informativo nº 125, de Abril de 1987, mesmo exemplar em que está a crônica Jorge, o Brabo, o homem que queria ver Deus, podemos observar a partir das chamadas de capa das reportagens-manchetes como o periódico refere-se à vida social de determinados grupos sociais do território de Foz do Iguaçu:

- “Concreto bombável, uma alternativa” - essa reportagem, por exemplo, refere-se a uma técnica de construção civil utilizada pela Itaipu e seus funcionários em função da obra de concretagem do canal de desvio da usina;³³

- “O Eclipse, depois o brilho da Abertura”, reportagem que fala da cerimônia de abertura da IX Olimpíada de Itaipu, em que houve a coincidência de ocorrer simultaneamente com o “espetáculo da natureza” de um eclipse parcial do sol. A mesmo tempo, a chamada da reportagem descreve alguns acontecimentos litúrgicos da cerimônia, ressaltando personagens como o Diretor Geral Brasileiro da Itaipu Binacional.³⁴

Assim, referindo-se a determinados indivíduos, pertencentes a determinados grupos sociais (engenheiros, operários, barrageiros, administradores, atletas etc) e determinados acontecimentos executados no território e na temporalidade de uma comunidade, cria-se um imaginário simbólico, político e discursivo sobre esse território.

Análise dos dados

A crônica “Jorge, o Brabo, o homem que queria ver Deus” publicada pelo Informativo Unicon em abril de 1987 narra a história de Jorge, um barrageiro trabalhador da Usina Hidrelétrica de Itaipu que era tido pelos outros trabalhadores

³³ Ver **Anexo 3.**

³⁴ Ver **Anexo 4.**



como “Jorge, o Brabo” por ter entrado numa briga na barreira de controle com os guardas por não estar com o crachá da empresa. Nessa briga saem feridos os guardas e Jorge com o nariz sangrando e dependurado sobre os lábios. Dentre alguns discursos que atravessam a crônica, destacamos o discurso sob o qual se dá a ordenação da autoridade - sob o slogan de “ordem e progresso” - ou seja, o discurso burocrático-jurídico, associado portanto às instituições administrativas e jurídicas, constitutivas dos Aparelhos Ideológicos do Estado. Dizem os guardas: “Aqui só vai entrar com o crachá de identificação”³⁵.

O protagonista da história ganha seu apelido “Brabo” devido à agressão sofrida pelos guardas, os quais se recusaram a confirmar a informação de Jorge (“[...] eu sou alojado lá dentro. Liga para o seu Lazo, do Serviço Social que ele confirma ou pega o crachá para mim. Se não for suficiente, pode telefonar para o chaveiro, pois ele também me conhece” [Idem]). Ao fim, pela autoridade a eles incumbida, os guardas impediram o trabalhador de acessar o canteiro de obras, afirmando o seu poder-fazer e restabelecendo a ordem burocrática. Nesse sentido, a forma-sujeito Jorge têm sua identidade (o aposto “Brabo”) demarcada pela formação discursiva desses AIEs.

Evidenciamos que o adjetivo “Brabo” conferido ao indivíduo Jorge exerce na crônica uma função linguística específica, que projeta um efeito de sentido específico. Sintaticamente, o adjetivo brabo exerce a função de aposto explicativo, ou seja, trata-se de um artifício para descrever, explicar e especificar um sujeito. Essa possibilidade de produzir um sentido sobre a identidade de um sujeito outro desvela uma posição de poder exercida nessa condição de produção – há uma memória explicitada linguística e historicamente de como Jorge foi apelidado que é preservada pela enunciação da narrativa, mas não o oposto: “(...) Sua reputação de bom de briga nasceu numa tarde de sexta-feira (...)”. (Idem)

A crônica narrativa se desenvolve, predominantemente, no discurso indireto livre, o sujeito da enunciação posiciona-se fora do universo diegético narrado, ou seja, fora do tempo-espaço em que ocorrem as ações da crônica. Sua narração

³⁵ Informativo Unicon, URSI, 1987



utiliza-se de enunciados que descrevem e qualificam o protagonista Jorge, o brabo, pois num momento da trama o representa como um gaúcho dos pampas, pelas suas vestimentas típicas, num tom irônico conferindo descredibilidade a imagem caricata e exótica do barrageiro.

Devido ao início da construção da Usina Binacional Itaipu o nível quantitativo da população aumentou drasticamente, trazendo de outras regiões do Brasil e demais países latino-americanos diversos trabalhadores que carregavam consigo suas culturas. Portanto, nesse perspectiva, evidencia-se aqui uma formação discursiva cultural, no sentido de que ao falarmos de cultura também estamos falando de poder. Esses dois conceitos, cultura e poder, se tomados como construções sociais, implicam em uma maneira aparentemente fechada de se pensar as relações sociais que configurariam nessa região um discurso intercultural. Há na crônica um efeito de reiteração da imagem/mito do gaúcho dos pampas - da literatura regionalista a qual a respeito dessa imagem dada hoje tem-se se ressignificado - como um avatar da cultura da comarca platina (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai).

Isso evidencia uma reflexão a respeito do aspecto cultural na produção da memória de seus possíveis interlocutores e conseqüentemente na construção de histórias outras nesse contexto de produção enunciativa, visto que haviam diversas culturas originárias na região, tanto quanto os novos aspectos culturais trazidos pelos trabalhadores de outras regiões que aqui se assentaram. O conceito de “memória discursiva” elaborado por Courtine (2009) nos diz sobre a historicidade do enunciado e a relação constitutiva entre a linguagem e a história, nesse sentido a representação do gaúcho dos pampas configura no texto uma FD que em função desse conceito memória a ele retoma e faz parte:

De traje a rigor, como quem sai para cumprir o protocolo de um encontro importante, acarícia com a mão sua barba densa e lisa, escovada e escorrida até a altura do peito, contrastando com seu cabelo curto espetado para cima por sobre óculos redondos de lentes de pequeno diâmetro que realçam sua fisionomia mística de um típico gaúcho dos pampas. Sua bombacha, poncho, guaiaca, chiripá, lenço vermelho ao pescoço, bota e esporas caem bem [...] (URSI, op. cit.)



Há ainda o discurso sob o qual não se faz necessário apresentação de provas, que direciona o interlocutor a um fazer-creer, sendo o discurso religioso parte dessa engrenagem histórica do fato narrado, uma vez que do alto das rochas do canal de desvio da barragem o protagonista Jorge fazia seu sermão no intervalo do almoço dos trabalhadores. Desse tipo de discurso o efeito é o da submissão do sujeito cristão à instâncias superiores a ele. Uma vez dentre todas adversidades sofridas por Jorge, o mesmo “esperava ver Deus e entregar-lhe como presente uma correntinha de ouro e um crucifixo para Deus usar no pescoço”. Essa forma-sujeito religiosa evidencia no discurso a posição de Jorge e a posição de Deus, nesse movimento dos sentidos entre a forma-sujeito-religioso e a forma-sujeito-moderno submetido não somente à crença, autonomia, direitos e deveres com Deus mas agora também aos direitos e deveres, antes o efeito de veracidade se impunha sobre a palavra de deus, por exemplo:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (...)
E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, (...) cheio de graça e de verdade. (BÍBLIA, João 1:14 / João 1:1).

Esses direitos e deveres agora se coadunam numa liberdade “sem limites” com seus direitos individuais, mas submissos às leis e aos seus deveres. É evidente que a ideia de um sujeito-bom frente a de um sujeito-mal (perigoso, brigão) configura essa submissão do sujeito-religioso-moderno entre a ordem divina e a ordem das leis.

Esse discurso religioso também se reflete na ideia de Jorge como um “**orador possesso**”, o que nos remonta na tradição retórica à figura do orador como aquele sujeito que se expressa publicamente nos conselhos cuja intenção seria a de elogiar ou censurar, evidenciando por meio da descrição amplificada o virtuoso ou o vicioso, o bom e o mal.

Em um certo nível, o orador dispõe de um escopo diverso de argumentação, uma maneira de dissuadir o público por meio de três modalidades: ethos, pathos e



logos. Nesse caso, pode-se especular que o orador-Jorge poderia convencer o auditório/trabalhadores por meio de seu discurso religioso no momento em que os seus companheiros compartilhavam com ele o mesmo discurso religioso e a mesma fé em Deus, sem interrompê-lo, pois ele é um sujeito-bom, digno, filiado a uma formação ideológica religiosa. Quando o orador/Jorge se afasta de um discurso religioso tradicional e escapa da racionalidade discursiva a argumentação se afeta pelas emoções suscitadas no auditório/trabalhadores, sujeitos que compartilham os sentimentos diversos e/ou antagônicos, por exemplo: empatia, indiferença, descrença.

Em outros momentos da narração, Jorge é tido como um doente mental que necessitava de cuidados médicos. Há uma ironia perversa na narrativa que vai desde o título da crônica até seu desfecho, com a internação do protagonista Jorge no sanatório de doentes mentais, local onde ele encontraria Deus, segundo seu “amigo” Lazo.

Essa ironia, por sua vez, exerce um efeito de sentido específico na form-textual-crônica, como observa Janet Ferron:

Num primeiro "olhar", a ironia pode apresentar-se tanto como metáfora, quando corresponde à semelhança de dois objetos, quanto metonímia, numa relação de contigüidade espacial ou temporal. Brait (1996) assinala que a presença da ironia na crônica implica: o locutor (A1) dirige um certo discurso irônico para um receptor (A2), para caçoar de um terceiro (A3) que é o alvo da ironia (Brait, 1996, p. 61-62). (FERRON, 2009: 8)

“O homem que queria ver Deus”, trata-se de uma metáfora que, a depender do efeito de sentido assumido pelo interlocutor, pode significar de diversas maneiras. A partir de uma formação discursiva religiosa, “ver Deus” pode tratar-se de um estabelecimento de uma comunicação entre o imanente e o transcendente, ou seja, de um ser pertencente ao plano terreno (o humano) com um ser do plano espiritual (Deus); ou, então, de uma passagem do ser do plano terreno ao espiritual por meio de seu falecimento. Como observa Eni Orlandi, na AD a metáfora não é concebida como figura de linguagem, mas sim como um processo de transferência de sentidos (ORLANDI, 2013: 44).



Assumindo esse efeito de sentido pertencente a uma formação discursiva religiosa específica da metáfora, retomamos às condições de produção da crônica, em que imperavam formações ideológicas repressivas, por meio de agentes específicos dos ARE (Aparelhos Repressivos do Estado), personificados nesse caso pelos agentes de segurança, detentores oficiais do uso da violência física. A partir dessas formações discursivas e filiações ideológicas de sentido, denota-se que a expressão “queria ver Deus” referida a uma forma-sujeito que identifica um indivíduo e sua posição de classe (Jorge, trabalhador) pode referir-se à sua insolência, sua desobediência, sua resistência etc.

Como demonstra Valdir Sessi, os guardas de segurança (como a função era especificamente referida nessa CP) da Itaipu/Unicon atuavam no controle e repressão dos trabalhadores em pontos estratégicos dos espaços internos e externos da Usina, como na barreira de controle e na “guarita principal que dava acesso ao canteiro de obras da Itaipu, onde era realizada a fiscalização de entrada e saída de veículos e dos trabalhadores da barragem”. (MANARIN, 2008: 90 apud SESSI, 2014: 104).

Nesse sentido, essa formação discursiva que remete a um território específico conota uma regionalização do interdiscurso, como diz Orlandi (2013: 43). O sujeito de enunciação da crônica narra que um dos locais em que Jorge proferiu seus discursos “possessos” foi, justamente, nesse local onde os trabalhadores reuniam-se antes de suas saídas: **“Os barrageiros começam a se concentrar em torno do relógio de ponto para bater a saída para o almoço”**³⁶. (URSI, op. cit)”.

Corroborando essa forma histórica desses agentes de repressão, nota-se que o local descrito pela crônica em que Jorge ganhou seu apelido coincidem, mais uma vez, com os descritos acima pelos historiadores Sessi e Manarin como locais de grande concentração de trabalhadores e de conseqüente repressão:

Sua reputação de bom de briga nasceu numa tarde de sexta-feira quando enfrentou no braço quatro **guardas** que tentaram impedir sua entrada ao **Canteiro de Obras**. Jorge tentou convencer os **seguranças da Barreira**

³⁶ Todos grifos em negrito utilizados na crônica foram feitos por nós, autores do presente artigo.



de Controle de que era empregado de uma das empresas ligadas à obra de Itaipu, ouvindo sempre a resposta: "Aqui só vai entrar com o crachá de identificação". (Idem)

Essas diferentes formações discursivas apresentadas até aqui – clínica, repressiva, religiosa, cultural - articulam-se na forma-sujeito de Jorge de maneira bastante específica, tipificando-o como sujeito à quem não se deve seguir exemplo. Acerca de algumas dessas formações discursivas situadas historicamente nessa condição de produção ampla, recorreremos outra vez à pesquisa histórica de Valdir, para quem Wilson Batista Aquino concedeu entrevista. Aquino tratava-se de um agricultor da região entorno de Itaipu que em 1977 candidatou-se a um posto de trabalho da Usina. Nessa entrevista, Wilson declara à Valdir que passou por grandes dificuldades para adaptar-se às mudanças do ambiente de trabalho, tendo transferido-se de uma lavoura no meio rural para um canteiro de obras. Essa dificuldade desdobrou-se em um estado de doenças físicas e psicológicas:

Na época, não tinha a palavra depressão. [...] Eu peguei uma doença, era pico emocional, aí eu fiquei doente. Fiquei fora de mim durante um ano nesse mundão aí. (...) Hoje a palavra depressão mata, né? E eu corri um risco! Queria pular de grandes alturas. (SESSI, 2014: 264)

Assumindo sentidos inscritos em uma condição de produção ampla, podemos identificar características paralelas entre a posição-sujeito de Jorge e a posição-sujeito de Wilson. Ambos eram provenientes de culturas pertencentes à meios rurais e, por dificuldades de adaptarem-se às normas da instituição Itaipu, foram interpelados por práticas que remetem a uma formação discursiva específica, a do discurso-saber-clínico.

O enunciador segue uma caracterização e descrição dos atos do personagem privilegiando uma tipologia de ironia, ao nosso ver, aparentemente em uma busca pela deslegitimação da capacidade do personagem de lidar com o *real*, como vemos em:

Seu discurso comporta **gestos teatrais**. Começa com o livro fechado, preso pela mão esquerda estendida na direção do Além. Volta-se para a



Bíblia, indica-a com a outra mão e grita com convicção: - Esta é a palavra da Verdade. O resto é papo-furado, perdição. (URSI, op. cit.)

Ou então em:

204

Os barrageiros começam a se concentrar em torno do relógio de ponto para bater a saída para o almoço. Ele percebe os olhares atentos e curiosos dos ouvintes e, **julgando-se o responsável** direto por aquela concentração, é tomado de um instinto de pregador predestinado. (Idem)

E também em: “Absorto, abre os braços quanto pode, cerra os punhos, indica e, **sem saber**, fala para a caçamba de concreto que se desloca e para as pedras que escorrem do basculante. (Idem)”

Nota-se que o sujeito de enunciação considera que Jorge, seu personagem, fala sem saber para a caçamba de concreto. Ou seja, aqui, nesse enunciado, constitui-se uma formação discursiva que começa a estabelecer uma compreensão acerca do discurso da loucura de Jorge, um saber racional específico, do discurso clínico.

Posteriormente, o sujeito da enunciação caracteriza o personagem, não apenas descrevendo-o, mas também qualificando por meio de adjetivos e ironias, como se vê: “De traje a rigor, **como quem sai** para cumprir o protocolo de um encontro importante [...] (Idem)”

Aqui, a enunciação utiliza-se do recurso da ironia para desqualificar determinada atitude do personagem, a de trajar-se de determinada maneira e com determinados cuidados. Ou seja, o enunciador têm em seu predicado que a atitude do personagem está deslocada, ou não está de acordo com um determinado parâmetro de costumes, portanto históricos, morais e ideológicos:

[...] óculos redondos de lentes de pequeno diâmetro que realçam sua fisionomia **mística** de um típico gaúcho dos pampas. [...] Sua bombacha, poncho, guaiaca, chiripá, lenço vermelho ao pescoço, bota e espora caem bem e fazem dele um pregador **exótico** numa manhã de inverno, em meio a ferragens, pedras, máquinas e concreto. (Idem)



Na sequência da descrição do personagem, nota-se adjetivos que denotam “ambiguidade”: **místico**, que pode remeter a uma qualidade religiosa, esotérica e espiritual positiva, a depender das condições de produção do discurso. Por outro lado, na descrição que segue, encontra-se o adjetivo **exótico**, outro que denota ambiguidade, visto que historicamente foi utilizado tanto de modo pretensamente favorável para destacar uma qualidade *estrangeira*, ou seja, de um sujeito *outro*, proveniente de outras culturas, como paralelamente trata-se de uma designação que conformou discursividades que legitimaram violências físicas e simbólicas contra esses mesmos sujeitos.

No caso dessas condições de produção do discurso, as ambiguidades enquanto traços constitutivos da ironia parece remeter a uma formação ideológica que busca criar um consenso ideológico entre seus possíveis interlocutores de que os trabalhadores devem temer os Aparelhos Repressivos do Estado (ou seja, da Itaipu), não devem resistir.

Conclusões

Nossa reflexão se encerra apontando para como as formações discursivas pertencentes às condições de produção da crônica “Jorge, o Brabo...” evidenciam uma relação de forças e sentidos ideológicos específicos:

- **a formação discursiva e ideológica religiosa**, nesse tempo e espaço histórico pode-se remeter a um intercruzamento das formações discursivas cristãs e socialistas como nos projetos políticos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MASTRO (Movimento dos Agricultores sem Terra do Oeste), CEBs (Comunidades Eclesiais de Base),
- **a formação discursiva e ideológica clínica-racional**, que, como vimos a partir das contribuições dos historiadores que pesquisam a história das repressões e resistência relacionadas aos trabalhadores da região Oeste do Paraná, pode ser



utilizado como um saber racional que associa-se à uma função ideológica específica, servindo para corroborar uma prática repressiva do Estado.

– **a formação discursiva e ideológica cultural**, como desenvolvemos anteriormente, este discurso também inscreve-se em uma formação discursiva interligada à práticas e saberes específicos, podendo estar associados à um saber racional antropológico ou a saberes que interligam-se com as práticas e saberes consuetudinários, dos costumes. A partir desse discurso, identificamos adjetivações ao personagem que configuram uma ambiguidade que, por sua vez, filia-se à um sentido de ironia, desqualificando o personagem central, Jorge.

– **a formação discursiva e ideológica repressivo**, que insere-se nas condições de produção da construção da Itaipu e da ditadura, visto que como desenvolvemos anteriormente no presente artigo, esta instituição por meio de seus aparelhos ideológicos e repressivos, serviram como um braço oficial de apoio dos AR e AI do Estado.

Essas formações discursivas não simplesmente complementam-se, mas apresentam relações de força, tensões, conflitos, relações dialógicas e heterogêneas de sentidos, que produzem diferentes efeitos de sentido a depender do interlocutor em questão. Com isso, queremos dizer que, a partir da ideia de que algumas das instâncias que cruzam o sujeito da enunciação da crônica relacionam-se à posição e o lugar institucional de fala de seu autor, caracterizado por nós no início do artigo como um *intelectual orgânico* que cumpre uma função especializada em um dado aparelho ideológico do estado, a imprensa.

Todavia, é indispensável reconhecer que essas formações discursivas e ideológicas que perpassam esse sujeito não são homogêneas e estáticas, mas ao contrário, são heterogêneas e relacionais. Também é necessário reconhecer que os efeitos de sentido produzidos pela crônica são variados, a depender de seu interlocutor, visto que trata-se de um periódico que circula entre diferentes grupos sociais e em diferentes territórios – por exemplo, para os trabalhadores, barrageiros



e operários da Itaipu; para o alto escalão de seus administradores; para agentes externos à instituição, como agentes oficiais do Estado e, portanto, da ditadura etc.

O linguista e teórico do discurso José Luiz Fiorin, reinterpretando o conceito de dialogismo de Bakhtin, propõe que no interior de dadas condições de produção, há uma também uma dada forma por meio da qual funcionam as relações de forças internas ao discurso que disputam o sentido que “prevalecerá”. Trata-se de uma disputa de poder entre diferentes grupos sociais e suas formações discursivas; trata-se de uma forma da luta de classes interna ao discurso.

207

As ditaduras são centrípetas; as democracias centrífugas. As ditaduras têm um forte componente narcísico. Com efeito, poderíamos fazer uma leitura dos mitos de Narciso e Eco, à luz do princípio do dialogismo. [...] em Eco existe a negação radical da identidade [...]; em Narciso, ocorre uma recusa total da alteridade, pois ele se apaixona pela própria imagem refletida no espelho [...]. Eco e Narciso são a própria negação do dialogismo. As ditaduras, em seu afã centrípeto, apresentam um forte componente narcísico, tentando negar a alteridade, impondo sua identidade e exigindo que os outros a ecoem. (FIORIN, 2006: 173)

Com isso, assumimos que um dos possíveis efeitos de sentido da crônica para um interlocutor proletário assume-se como o da repressão, uma prática de exercício de poder contra a identidade desses sujeitos que visa criar um consenso – o do silenciamento, da desarticulação da resistência, do medo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Artigos de revistas

FERRON, Janete Terezinha. **O papel do cronista e o lugar da crônica no jornal.** In: Revista Dito Efeito, Curitiba, Ano I, Vol. 1, 2009

b) Livros

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado.** Lisboa: Editorial Presença, 1980



COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso – Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2013

c) Capítulos de livros

FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2006

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**. In: Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes. (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras – volume 2. São Paulo: Cortez Editora, 2012, p. 112-161.

d) Teses e dissertações

MASCARENHAS, Milena Costa. **POEIRA X UNICON: CONFRONTOS E CONTRAPONTO ENTRE EXPROPRIADOS E ITAIPU**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2011.

SESSI, Valdir. **“O povo do abismo”:** trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1974 – 1987). Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2015.

e) Documentos acessados

PALMAR, Aluizio. **Oeste do Paraná, berço do MST**. 2012. Matéria disponível no link: <http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/oeste-do-parana-berco-do-mst/>. Consultado em 30/01/2017.

Anexos



Anexo 1 – Transcrição integral e *ipsis litteris* da crônica “Jorge, o Brabo – o homem que queria ver Deus”

Do alto de uma bancada de rochas, no piso do Canal de Desvio da Barragem de Itaipu, cercado por duas rampas laterais de aproximadamente cem metros de altura, ele gesticula, de olhos fechados, com braços e cabeça voltados para o céu. Absorto, abre os braços quanto pode, cerra os punhos, indica e, sem saber, fala para a caçamba de concreto que se desloca e para as pedras que escorrem do basculante. Seus gritos de orador possesso chegam a seus companheiros de barragem.

De traje a rigor, como quem sai para cumprir o protocolo de um encontro importante, acarícia com a mão sua barba densa e lisa, escovada e escorrida até a altura do peito, contrastando com seu cabelo curto espetado para cima por sobre óculos redondos de lentes de pequeno diâmetro que realçam sua fisionomia mística de um típico gaúcho dos pampas. Sua bombacha, poncho, guaiaca, chiripá, lenço vermelho ao pescoço, bota e espora caem bem e fazem dele um pregador exótico numa manhã de inverno, em meio a ferragens, pedras, máquinas e concreto.

Seu discurso comporta gestos teatrais. Começa com o livro fechado, preso pela mão esquerda estendida na direção do Além. Volta-se para a Bíblia, indica-a com a outra mão e grita com convicção:

- Esta é a palavra da Verdade. O resto é papo-furado, perdição.

Os barrageiros começam a se concentrar em torno do relógio de ponto para bater a saída para o almoço. Ele percebe os olhares atentos e curiosos dos ouvintes e, julgando-se o responsável direto por aquela concentração, é tomado de um instinto de pregador predestinado:

- Eu sou apenas um mensageiro de Deus. Garanto a vocês que ele quer vos dizer: “Vinde a mim todos vós que tendes sede e fome de justiça pois eu os saciarei”.

E emprestando um ar de orgulho celestial em sua postura, garante:



- Eu hoje estarei com Deus. Vou levar-lhe um presente. Aproveitarei, então, para dizer-lhe de vossas angústias e de vosso desejo de renegar a Satanás e a todas as suas pompas.

Percebendo que não estava bem, que a loucura voltara à sua cabeça, seus amigos aproximam-se quase impotentes, limitando-se a ouvi-lo:

- Eu quero ver Deus. Eu quero ver Deus, custe o que custar.

Alguns tentam, mas ninguém o convence por bem a descer dali para tomar um remédio receitado no ambulatório médico. À força, então, ninguém ousa tentar pois todos sabem que aquele pregador que quer ver Deus é também muito bom de briga.

Jorge, o Brabo, é o nome do pregador. Sua reputação de bom de briga nasceu numa tarde de sexta-feira quando enfrentou no braço quatro guardas que tentaram impedir sua entrada ao Canteiro de Obras. Jorge tentou convencer os seguranças da Barreira de Controle de que era empregado de uma das empresas ligadas à obra de Itaipu, ouvindo sempre a resposta: “Aqui só vai entrar com o crachá de identificação”.

- Mas, amigo, retrucava Jorge, eu sou alojado lá dentro. Liga para o seu Lazo, do Serviço Social que ele confirma ou pega o crachá para mim. Se não for suficiente, pode telefonar para o chaveiro, pois ele também me conhece.

Não adiantou gastar saliva. Os guardas continuaram a confirmar a orientação recebida: “Sem crachá da empresa em que trabalha, não entra”. Como uma avalanche, a loucura de Jorge comprimiu-lhe o peito e nunca de uma só vez. Descontrolado, arregalou os olhos e rompeu o portão de entrada, bradando:

- Vou mostrar se não entro. Quero ver quem me segura.

Quatro guardas correram a seu encalço e o cercaram. Aí despontou Jorge, o Brabo. Deu pernada, murro, rabo-se-arraia, movendo-se com agilidade entre os guardas como um dançarino da pancadaria. Soltava seus golpes como um campeão. Bateu, mas também apanhou como renegado. No final do combate, sangravam os guardas e o nariz de Jorge, pendurado sobre o lábio superior.



A calma só voltou à Barreira de Controle, quando o amigo Lazo, o Assistente Social de quem falara Jorge, chegou e explicou para os guardas, num canto, que se tratava de um doente mental. Jorge, então, abraçou-se ao amigo e entrou triunfante no Canteiro, para seu alojamento, como uma criança que ganha um brinquedo. Já manso, antes de sofrer uma pequena cirurgia no ambulatório, ele reclamava conformado:

- Eu só queria ir para o alojamento, seu Lazo. Não carecia de tanta pancada e esse nariz esfolado.

Como todos sabiam da história, ninguém se animava a retirar Jorge de cima das pedras e de seu sermão contemplativo. Como da outra, alguém poderia dar uma ajuda a Jorge. Lembraram-se de Lazo. E ele veio.

- Ei, Jorge. Que é que tá fazendo aí em cima da pedra?

- Oi, seu Lazo. Tô aqui à espera de Deus, pra falar com Ele.

- Mas isso é fácil, Jorge. Quer falar com Ele? Eu sei onde anda.

- Ô seu Lazo. Não me diga. Fala logo. Onde está?

- Vem comigo. Eu vou te levar até ele. Visita Cândido Rondon, aqui mesmo no Oeste do Paraná. Lá é fácil falar com ele.

- Então vamos já, seu Lazo. O senhor só me dá um tempinho para pegar um pacote que tenho lá no alojamento, para entregar a Deus.

Na tarde daquele mesmo dia, Jorge, com seu amigo, subiu na ambulância da empresa e seguiu em direção ao Sanatório para doentes mentais, em Cândido Rondon, onde esperava ver Deus e entregar-lhe como presente uma correntinha de ouro e um crucifixo para Deus usar no pescoço. Queria ser o primeiro ser humano a pendurar ouro no pescoço de Deus.

José Melquíades Ursi

Anexo 2 – Crônica “Jorge, o Brabo, o homem que queria ver Deus”. In: *Informativo Unicon.* - Ano X – nº 125. Abril de /1987.

212

Jorge, o Brabo, o homem que queria ver Deus

Do alto de uma bancada de rochas, dos ovinos e, julgando-se o responsável direto por aquela concentração, vai entrar com o crachá de identificação antes de sofrer uma pequena cirurgia no ambulatório, ele reclamava confas,

Concreto bombeável, uma alternativa

Atualmente, a UNICON vem utilizando na concretagem da Casa de Força do Canal de Desvio o recurso do concreto bombeável, com uma média de 5 a 7 mil metros cúbicos por mês, o que já é considerável uma vez que no pico desta obra devem ser lançados 30.000 metros cúbicos, sendo que a metade será feita pelo sistema de concreto bombeável, uma alternativa indispensável para a Casa de Força do Canal. Pág. 3

Vigas pré-moldadas foram fixadas sobre o Tubo de Sucção e Condutor Forçado da Unidade 16 e agora, facilitam o trabalho de prosseguimento da estrutura.

Para facilitar o acesso a algumas frentes de serviço do Canal de Desvio, a UNICON construiu num dos paredões do Canal uma passarela em estrutura metálica, dotada de toda segurança.

gens, pedras, máquinas e concreto. Seu discurso comporta gestos teatrais. Começa com o livro fechado, preso pela mão esquerda estendida na direção do Além. Volta-se para a Bíblia, indica-a com a outra mão e grita com convicção: - Esta é a palavra da Verdade. O resto é papo-furado, perdição. Os barrageiros começam a se concentrar em torno do relógio de ponto para bater a saída para o almoço. Ele percebe os olhares atentos e curiosos

tentar pois todos sabem que aquele pregador que quer ver Deus é também muito bom de briga. Jorge, o Brabo, é o nome do pregador. Sua reputação de bom de briga nasceu numa tarde de sexta-feira quando enfrentou no braço quatro guardas que tentaram impedir sua entrada ao Canteiro de Obras. Jorge tentou convencer os seguranças da Barreira de Controle de que era empregado de uma das empresas ligadas à obra de Itaipu, ouvindo sempre a resposta: "Aqui só

com apunhou como roncado, no final do combate, sangravam os guardas e o nariz de Jorge, pendurado sobre o lábio superior. A calma só voltou à Barreira de Controle, quando o amigo Lazo, o Assistente Social de quem falara Jorge, chegou e explicou para os guardas, num canto, que se tratava de um doente mental. Jorge, então, abraçou-se ao amigo e entrou triunfante no Canteiro, para seu alojamento, como uma criança que ganha um brinquedo. Já manso,

um pacote que tenho lá no alojamento, para entregar a Deus. Na tarde daquele mesmo dia, Jorge, com seu amigo, subiu na ambulância da empresa e seguiu em direção ao Sanatório para doentes mentais, em Cândido Rondon, onde esperava ver Deus e entregar-lhe como presente uma correntinha de ouro e um crucifixo para Deus usar no pescoço. Queria ser o primeiro ser humano a pendurar ouro no pescoço de Deus. José Melquiades Ursi

Anexo 3 – Chamada de capa da reportagem “Concreto bombeável, uma alternativa”.

In: *Informativo Unicon.* - Ano X – nº 125. Abril de /1987.

Anexo 4 – Chamada de capa da reportagem “O Eclipse, depois o brilho da Abertura”. In: *Informativo Unicon*. - Ano X – nº 125. Abril de 1987.

IX OLIMPIADA DE ITAIPU

O Eclipse, depois o brilho da Abertura

Antecipada para o final de março, a Abertura da IX Olimpíada de Itaipu coincidiu com o eclipse parcial do sol cujo apogeu deu-se por volta de 8h23 do dia 29, domingo. O fenômeno foi observado no Canteiro de Obras por algumas pessoas, através de filmes velados.

Terminado o espetáculo da natureza, os olhos da platéia e das autoridades presentes voltaram-se para o desfile das equipes que participam dos Jogos. Na pista, a Itaipu Binacional passou como destaque fazendo um desfile com carros alegóricos e várias alas

onde o brilho e a criatividade dos adereços arrancaram aplausos.

Declarada aberta a IX Olimpíada de Itaipu pelo Ministro Ney Braga, Diretor Geral Brasileiro da Itaipu Binacional, realizaram-se, então, as primeiras competições: a Prova dos 5.000 metros, a modalidade de Pebolim e duas partidas de Futebol.

O encerramento oficial da Olimpíada ocorrerá no dia 1.º de Maio, no Ginásio de Esportes “Costa Cavalcanti”, com um show da cantora Gal Costa. Pág. 7

